



CENTRO DE HUMANIDADES/CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

LINHA DE PESQUISA:
TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS E PROCESSOS DE URBANIZAÇÃO

AELSON CARDOSO DE SOUZA

**A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO: UM ESTUDO SOBRE O BAIRRO DA
PRIMAVERA, GUARABIRA/PB**

GUARABIRA – PB

2015

**A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO: UM ESTUDO SOBRE O BAIRRO DA
PRIMAVERA, GUARABIRA/PB**

AELSON CARDOSO DE SOUZA

**A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO: UM ESTUDO SOBRE O BAIRRO DA
PRIMAVERA, GUARABIRA/PB**

Monografia apresentada pelo discente Aelson Cardoso de Souza, à Coordenação do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, enquanto requisito obrigatório para a obtenção do título de **LICENCIADO EM GEOGRAFIA**, desenvolvida sob a orientação do professor Francisco Fábio Dantas da Costa.

GUARABIRA – PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586p Souza, Aelson Cardoso de

A produção do espaço urbano: [manuscrito] : um estudo sobre o Bairro Primavera, Guarabira/PB / Aelson Cardoso de Souza. - 2015.

45 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.

"Orientação: Francisco Fábio Dantas da Costa, Departamento de Geografia".

1. Espaço Urbano. 2. Bairro da Primavera. 3. Condições Socioeconômicas. I. Título.

21. ed. CDD 910

AELSON CARDOSO DE SOUZA

**A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO: UM ESTUDO SOBRE O BAIRRO DA
PRIMAVERA, GUARABIRA/PB**

APROVADA EM: 03 de dezembro de 2015

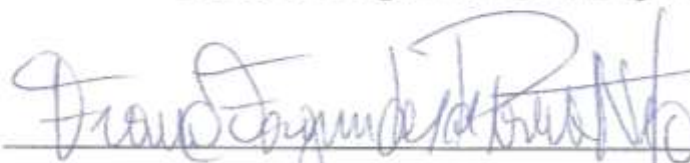
BANCA EXAMINADORA



Prof. Francisco Fábio Dantas da Costa – Orientador
Departamento de Geografia da UEPB
Doutor em Geografia pela UFPE



Prof. Lanusse Salim Rocha Tuma – Examinador
Departamento de Geografia da UEPB
Doutor em Engenharia Mineral pela USP



Prof. Francisco Fagundes de Paiva Neto – Examinador
Departamento de História da UEPB
Doutor em Ciências Sociais pela UFCG

Efetivar tal pesquisa e trabalho não é algo do qual realmente se orgulhar ou jactar-se, pois este é apenas o fim de um ciclo e início de outro – ele é apenas um agente de transição. Além disso, não seria possível sua efetivação sem todos os envolvidos nele, quer seja direta ou indiretamente. De modo que dedico a todos que deram sua contribuição, desde a menor ou mais simples à maior e mais importante contribuição.

AGRADECIMENTOS

Não sendo possível o agradecimento pessoal a todos os contribuintes para efetivação deste projeto, apenas compete-me dizer: “Obrigado a todos!”

Por nome agradeço tão somente a:

Meus pais Aluizio de Souza e Maria Edivane Cardoso de Souza, por todo apoio e auxílio para conclusão deste curso. Estes foram minha pedra angular neste sentido.

Ao professor Fábio Dantas, por todo seu esforço e tempo dispensados em prol da realização desse trabalho. Também, por seus incentivos pessoais que encorajavam.

Aos professores da banca examinadora, pela prestimosidade e bondade ao aceitar participar da última etapa para conclusão deste escopo.

043 – GEOGRAFIA**A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO: UM ESTUDO SOBRE O BAIRRO DA PRIMAVERA, GUARABIRA/PB****LINHA DE PESQUISA:** TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS E PROCESSOS DE URBANIZAÇÃO**AUTOR:** AELSON CARDOSO DE SOUZA – CH/UEPB**ORIENTADOR:** PROF. FRANCISCO FÁBIO DANTAS DA COSTA – DG/CH/UEPB**EXAMINADORES:**

PROF. LANUSSE SALIM ROCHA TUMA – DG/CH/UEPB

PROF. FRANCISCO FAGUNDES DE PAIVA NETO – DH/CH/UEPB

Resumo:

A cidade é o resultado da apropriação de parcelas do espaço pela sociedade, cuja materialização se dá através das formas de trabalho coletivo. Ela deve ser vista como um produto histórico-social, não podendo ser pensada separadamente da sociedade e do momento no qual foi gerida. Assim, a pesquisa ora proposta teve como objetivo analisar o processo de produção do espaço urbano em Guarabira, com o propósito de compreender a dinâmica das formas de ocupação, dando ênfase ao bairro da Primavera. Adotamos o método “estudo da paisagem” como o mais apropriado à efetivação das aspirações deste trabalho e isto possibilitou a realização de descrições e análises dos quadros urbano, natural e social mediante observações em campo e revisão da literatura sobre o assunto. Também, contemplamos a coleta, tabulação e análise de dados censitários levantados mediante entrevistas com moradores e comerciantes. Partindo da premissa de que nacionalmente Guarabira não tem expressão populacional, afirmamos corretamente. Todavia, ao compararmos dados estatísticos de PIB, IDH, população, entre outros, concluímos que, para os padrões dos municípios de seu Estado, Guarabira detém expressiva evolução demográfica e urbana. Assim também o bairro da Primavera, enfoque desta pesquisa, não representa grande influência socioeconômica na cidade. A partir das entrevistas realizadas, constatamos que os moradores apresentam uma considerável e genérica satisfação com o Primavera como bairro no que diz respeito ao saneamento básico, saúde e segurança pública. Apenas a falta de água, devido à elevação topográfica do bairro, tem sido a real preocupação de seus moradores.

Palavras-chave: Espaço urbano. Bairro da Primavera. Condições socioeconômicas.

043 – GEOGRAFÍA**LA PRODUCCIÓN DEL ESPACIO URBANO: UM ESTUDIO SOBRE EL BARRIO PRIMAVERA, GUARABIRA/PB****LINEA DE INSTIGACIÓN:** TRANSFORMACIONES ECONÓMICAS Y PROCESOS DE URBANIZACIÓN**AUTOR:** AELSON CARDOSO DE SOUZA – CH/UEPB**TUTOR:** PROF. FRANCISCO FÁBIO DANTAS DA COSTA – DG/CH/UEPB**EXAMINADORES:**

PROF. LANUSSE SALIM ROCHA TUMA – DG/CH/UEPB

PROF. FRANCISCO FAGUNDES DE PAIVA NETO – DH/CH/UEPB

Resumen:

La ciudad es el resultado de la apropiación de parcelas del espacio por la sociedad, cuya materialización se da a través de las formas de trabajo colectivo. Ella debe ser vista como un producto histórico-social, no pudiendo ser pensada separadamente de la sociedad y del momento en el cual fue administrada. Así, la encuesta ora propuesta tuvo el objetivo de analizar el proceso de producción del espacio urbano en Guarabira, con el propósito de comprender la dinámica de las formas de ocupación, dando énfasis al barrio Primavera. Adoptamos el método “estudio del paisaje” como el más apropiado a la realización de las aspiraciones de este trabajo y esto permitió la realización de descripciones y análisis de los cuadros urbano, natural y social mediante observaciones en campo y revisión de la literatura sobre el asunto. También, contemplamos la colecta, tabulación y análisis de datos censitarios levantados mediante entrevistas con habitantes y comerciantes. Partiendo de la premisa de que nacionalmente Guarabira no tiene expresión populacional, afirmamos correctamente. Sin embargo, al compararnos datos estadísticos de PIB, IDH, población, entre otros, concluimos que, para los patrones de los municipios de su Estado, Guarabira detiene expresiva evolución demográfica y urbana. Así también el barrio Primavera, enfoque de esta encuesta, no representa gran influencia socioeconómica en la ciudad. A partir de las entrevistas realizadas, constatamos que los habitantes presentan una considerable y genérica satisfacción con el Primavera como barrio respecto a su saneamiento básico, salud y seguridad pública. Solamente la falta de agua, debido a la elevación topográfica del barrio, ha sido la real preocupación de sus habitantes.

Palabras-clave: Espacio urbano. Barrio Primavera. Condiciones socioeconómicas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Dinâmica populacional em algumas cidades europeias (1700-1950)	17
Figura 2: Evolução demográfica de algumas cidades brasileiras (1872–1940)	18
Figura 3: Municípios fronteiriços a Guarabira	22
Figura 4: Vista panorâmica da cidade de Guarabira	24
Figura 5: Aspecto de um trecho da cidade de Guarabira	25
Figura 6: Cidade de Alagoa Grande	26
Figura 7: Cidade de Areia	26
Figura 8: Cidade de Bananeiras	26
Figura 9: Cidade de Pilõezinhos	26
Figura 10: Alagamento do centro comercial de Guarabira - Avenida Dom Pedro II ...	27
Figura 11: Dez maiores IDHs do Estado da Paraíba	28
Figura 12: Evolução da população urbana e rural de Guarabira (1940-2010)	29
Figura 13: Topografia do bairro da Primavera	30
Figura 14: Limites do bairro da Primavera	31
Figura 15: Abertura de loteamentos na encosta da serra	32
Figura 16: Abertura de loteamentos em área de forte declividade	32
Figura 17: Encosta da serra com sinais de deslizamento	33
Figura 18: Transtornos causados aos moradores (sedimentos carregados após forte evento chuvoso)	33
Figura 19: População dos principais bairros de Guarabira	33
Figura 20: Renda familiar dos moradores do bairro da Primavera	34
Figura 21: Frequência de interrompimento do fornecimento de água no bairro da Primavera	36
Figura 22: Avaliação dos serviços prestados no PSF	37
Figura 23: Classificação dos moradores quanto à segurança pública do bairro da Primavera	38

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Figura 2: Evolução demográfica de algumas cidades brasileiras (1872–1940)	18
Quadro 2: Produto Interno Bruto das cidades das microrregiões paraibanas do Brejo e de Guarabira	23
Quadro 3: População urbana e rural do município de Guarabira (1940-1980)	29

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AESA – Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba

CAGEPA – Companhia de Água e Esgoto da Paraíba

CEG – Colégio Estadual de Guarabira

CPTran – Companhia de Policiamento de Trânsito da Paraíba

FMI – Fundo Monetário Internacional

FUNASA – Fundação Nacional da Saúde

hab – Habitantes

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IFPB – Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia da Paraíba

INSS – Instituto Nacional do Seguro Social

km - Quilômetros

km² – Quilômetros Quadrados

m - Metros

PB – Paraíba

PIB – Produto Interno Bruto

PNUD – Programa Nações Unidas para o Desenvolvimento

PROCON – Serviço de Proteção ao Consumidor

UBS – Unidade Básica de Saúde

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

UPA – Unidade de Pronto Atendimento

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. REVISÃO DE LITERATURA	15
2.1 CIDADE E URBANIZAÇÃO NO BRASIL	15
2.2 A PAISAGEM URBANA	20
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES	23
3.1 O BAIRRO DA PRIMAVERA	31
3.2 RESULTADOS DA PESQUISA REALIZADA NO BAIRRO	35
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	42
ANEXO	44

1. INTRODUÇÃO

A cidade é o resultado da apropriação de parcelas do espaço pela sociedade, cuja materialização se dá através das formas de trabalho coletivo. Não se trata apenas de um simples efeito concebido pelas necessidades humanas, mas, um lugar de “acumulação de tempos” com “possibilidade sempre renovada de realização da vida”, enfim, “como lugar do possível – possibilidade de um projeto voltado para o futuro” (CARLOS, 2009, p. 11). Portanto, a cidade deve ser vista como um produto histórico-social, não podendo ser pensada separadamente da sociedade e do momento no qual foi gerida.

No caso do Brasil, apesar das primeiras cidades terem sua origem no século XVI, é só a partir do século XVIII que sua urbanização ganha robustez – “a casa da cidade torna-se a residência mais importante do fazendeiro ou do senhor de engenho, que só vai à sua propriedade rural no momento do corte e da moenda da cana” (BASTIDE, 1978 *apud* SANTOS, 1993, p. 19). Após tal acontecimento, a urbanização alcançou níveis cada vez mais expressivos, mas foi só no século XX que as cidades brasileiras experimentaram vigoroso crescimento populacional.

Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o Brasil exhibe hoje uma taxa de urbanização em torno de 84,4%. Em contrapartida, 15,6% de sua população total reside nas zonas rurais (IBGE, 2010-a). No caso da Paraíba, o IBGE indica que 75,37% de sua população é urbana, enquanto 24,63% vive no meio rural. Ainda que a Paraíba tenha um índice de urbanização abaixo da média nacional, ela está dentro do parâmetro brasileiro com população predominantemente urbana. Além disso, a cidade de Guarabira apresenta 88,5% de população urbana e 11,5% de população rural (IBGE, 2010-b).

Entretanto, esses números não devem ser analisados apenas do ponto de vista quantitativo, mas também levando-se em consideração aspectos qualitativos, pois como coloca Santos (1988), a urbanização é um fenômeno avassalador, especialmente nos países subdesenvolvidos onde a proliferação de cidades com milhões de habitantes é surpreendente. Além de muitos problemas resultantes da atuação humana sobre o meio, este produz visíveis modificações na paisagem das cidades, à medida que se apropria do espaço para garantir a sua existência. Nesse sentido vale salientar a oportuna colocação de Milton Santos:

“Se até mesmo nos inícios dos tempos modernos as cidades ainda contavam com jardins, isso vai tornando-se mais raro: o meio urbano é cada vez mais um meio artificial, fabricado com restos da natureza primitiva crescentemente encobertos pelas obras dos homens. A paisagem cultural

substitui a paisagem natural e os artefatos tomam, sobre a superfície da terra, um lugar cada vez mais amplo. Com o aumento das populações urbanas, ocupadas em atividades terciárias e secundárias, o campo é chamado a produzir mais intensivamente” (SANTOS, 1988, p. 16).

O crescimento populacional e a produção do espaço urbano tem despertado a atenção de inúmeros especialistas, não apenas no campo da Geografia, mas também de outras ciências como a Sociologia, a História, a Economia, a Engenharia Urbana, para citar apenas alguns exemplos. Souza e Rodrigues (2004) colocam em foco a necessidade de planejamento urbano mediante convênio do poder estatal e organização de grupos entre a sociedade civil. Para os autores, problemas relacionados ao trânsito, meio ambiente, crescimento das favelas, entre outros, são resultados de falta de projetos, pois estes remetem ao futuro e buscam a evolução dos processos, das vantagens e dos benefícios por meio de efetivação de políticas públicas eficazes.

Sposito (2004) apresenta vários outros problemas advindos da grande urbanização, sobretudo os problemas ambientais. Apenas a título de exemplo: lixo, esgoto e poluições diversas, além de ruas estreitas para circulação dos transeuntes, moradias apertadas, falta de espaço para lazer e várias formas de exclusões sociais.

De forma geral, os problemas citados anteriormente podem ser observados na cidade de Guarabira, localizada na Mesorregião do Agreste Paraibano, na Microrregião de Guarabira e, recentemente, na Região Metropolitana de Guarabira (PARAÍBA, 2011). Como toda cidade brasileira, Guarabira não apresenta características que possam comprovar, atualmente, que haja um planejamento urbano eficaz. Esses traços também revelam a inexistência de um controle por parte do poder público em relação às formas de ocupação pretéritas e atuais.

A pesquisa ora proposta teve como objetivo analisar o processo de produção do espaço urbano em Guarabira, no período de 1970 até os dias atuais, com o propósito de compreender a dinâmica das formas de ocupação, dando ênfase ao bairro da Primavera.

Como objetivos específicos destacam-se os seguintes:

- Estabelecer uma breve retrospectiva sobre a formação do bairro;
- Descrever as principais alterações na paisagem, correlacionando-as com as atividades econômicas;
- Identificar os problemas socioambientais existentes a partir do relato dos moradores e das observações de campo, para em seguida apontar possíveis soluções;
- Compreender o papel do poder público em relação ao ordenamento espacial, bem como em relação ao gerenciamento dos problemas identificados.

No decorrer do trabalho tentou-se comprovar algumas hipóteses, a saber:

- A cidade de Guarabira expandiu-se desordenadamente sobre áreas de vales e encostas.
- O bairro da Primavera contou com algum planejamento urbano em sua formação.
- Alguns problemas ambientais foram gerados em virtude da abertura de loteamentos.

Tendo em vista uma proposta de trabalho pautada na observação da configuração urbana do bairro da Primavera, localizado na cidade de Guarabira, a pesquisa adotou o método “estudo da paisagem” como o mais apropriado à efetivação de suas aspirações, dado que, a paisagem tem sido generalizada como constituindo “tudo aquilo que é perceptível aos olhos, compreendendo, um conjunto de elementos em dada porção do planeta”. (MENDONÇA, 1998, p. 46). Com efeito, o método em questão possibilitou a realização de descrições e análises dos quadros urbano, natural e social mediante observações em campo e revisão da literatura sobre o assunto.

Ademais, o estudo da paisagem faz-se essencial aos diagnósticos sociais, urbanos e ambientais, uma vez que a mesma apresenta-se como um conjunto único e indissociável, em constante evolução (BERTRAND, 2004).

A pesquisa contemplou o levantamento bibliográfico, a coleta, tabulação e análise de dados censitários, além das observações em campo, que foram imprescindíveis para a compreensão da dinâmica da paisagem. Por fim, foram feitas várias entrevistas com moradores e comerciantes.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 CIDADE E URBANIZAÇÃO NO BRASIL

A história das cidades remonta à gênese da humanidade. De acordo com os registros do livro mais antigo e divulgado na terra, a Bíblia, a primeira cidade foi edificada por Caim, filho dos primeiros humanos, Adão e Eva, e recebeu o nome de seu primeiro filho, Enoque, há aproximadamente 6.500 anos. E, ao que parece, esta cidade foi destruída durante o cataclisma diluviano por volta de 4.300 anos atrás, sendo eliminado, assim, qualquer resquício de tal construção urbana (ESCRITURAS SAGRADAS, 2015).

Maria Encarnação Sposito, no entanto, coloca que “a urbanização é um processo que remonta à antiguidade, e que a cidade é um fato desde que determinadas condições históricas o permitiram há cerca de 5.500 anos atrás na Mesopotâmia” (SPOSITO, 2004, p. 42). Tal pensamento nos induz compreender a cidade como um dos produtos humanos mais antigos e, além disto, não uniforme no transcorrer da construção histórica. Sendo assim, a cidade é um reflexo concreto da condição histórica e só permanecendo imutável caso esta característica fosse parte constituinte da natureza humana.

O homem lançou, inconscientemente, a base para o surgimento das primeiras cidades ao longo de sua caminhada terrestre e desenvolvimento humano. Ele fez isso por reconhecer a necessidade de fixar morada e, pouco a pouco, abdicar de suas características de nômade, ocupando-se e preocupando-se com seu próprio lugar, desenvolvendo, além da agricultura, relações sociais de trabalho, domesticação de animais, de plantas e de si próprio, ou seja, desenvolvendo uma nova cultura e forma de vivência. Todo esse processo, dando ênfase especial ao desenvolvimento da agricultura, criou uma nova forma de trabalho – a agricultura de produção excedente, que não era praticada democraticamente – que, por sua vez, estabelece as condições necessárias à efetivação de sociedades de classes e chefes políticos no meio humano. Sinteticamente, pode-se colocar esses como os principais fatores ao surgimento das cidades (SPOSITO, 2004).

Não há indícios concretos (visuais e palpáveis) do exato momento que houve o aparecimento da cidade. Entretanto, os vestígios mais antigos apresentam um relato contundente da vivência e da organização tanto social como estrutural das cidades na antiguidade. Estas eram espaços complexos, levando em conta os parâmetros estruturais e fisionômicos das cidades atuais, ainda que, em alguns casos, também não sejam menos

complexas. Continham em sua estrutura marcas políticas (como os muros para proteção de ataques inimigos e prédios de setores administrativos, como o palácio, geralmente na área interna da cidade), religiosas (templo de adoração a deuses, também na área interna), sociais (áreas já divididas em propriedades particulares, geralmente na área externa da cidade) e econômicas (SPOSITO, 2004). Havia, além disso, especialmente nas maiores cidades da antiguidade, canais de distribuição de água. Vale salientar, nesse respeito, os aquedutos romanos que, apesar de sua capital Roma ter se firmado junto a fontes de águas, estas se mostraram insuficientes para sua imensa e crescente população.

Tendo em vista garantir maior especificidade temática e, assim, tornar esta discussão mais distintiva em suas proposições, bem como por entendermos a colossal importância da Revolução Industrial para a produção do espaço em proporção mundial, julgou-se apropriado um corte temporal neste ponto.

Com o advento da Revolução Industrial, no último quartel do século XVIII, ocorreram transformações que modificaram as funções e as estruturas das cidades. O ritmo acelerado da produção industrial ampliou as relações comerciais entre as mesmas. Além das fábricas, os equipamentos e investimentos necessários à manutenção e ampliação da capacidade produtiva industrial podiam ser observados em vários pontos das cidades. Todo esse contexto provocou modificações nas paisagens e funções das áreas urbanas:

“Isto significou o fim da cidade como sistema institucional e social quase autônomo e provocou, de forma definitiva, a constituição de redes urbanas, dada a ampliação crescente da articulação entre os lugares [. . .] a rede urbana foi se constituindo hierarquicamente, tendendo à forma de grandes aglomerados urbanos – as metrópoles – [. . .] Estas aglomerações subordinavam outras de porte médio, que por sua vez exerciam o papel de elo de ligação com os pequenos centros” (SPOSITO, 2004, p. 53-54).

A Revolução Industrial levou às zonas urbanas produções que antes ocorriam no espaço rural. O êxodo rural contribuiu para o aumento da população das cidades, bem como para o agravamento das questões ambientais. As cidades localizadas na Europa Ocidental testemunharam o progresso técnico, a acumulação de capitais, as transformações espaciais, o surgimento de periferias ocupadas por famílias numerosas e famintas.

Leo Huberman relata a acentuada diferenciação entre ricos e pobres que só aumentava na Grã-Bretanha no final do século XVIII. Ele coloca que a classe operária (os pobres) vivia diante de uma jornada de trabalho desumana – chegando a 16 horas por dia –, que não lhes dava condições de ter ao menos um lar digno para sua família, pois estava

privada do poder de produção e acumulação do capital, apesar de estar tão intrinsecamente ligado a tal produção, e mesmo sendo indispensável para este processo. Não apenas isso, também crianças trabalhavam em minas e indústrias, especialmente quando, quase sempre, o salário dos pais não era suficiente para a cobertura das despesas. Por outro lado, os ricos ficavam mais ricos por acumular para si o excedente da produção dos pobres, podendo morar em suntuosas e majestosas casas e, certamente, nos melhores bairros da cidade (HUBERMAN, 1981).

Friedrich Engels fala sobre os altos custos, não necessariamente financeiros, mas, sociais, que Londres teve de pagar por sua evolução técnica e científica, e por se tornar a capital comercial mundial no período que abrangeu a Revolução Industrial. Ele destaca que para a classe trabalhadora que habitava nesta cidade foi fixada moradias em bairros pobres à parte dos felizes palácios dos ricos. As casas eram pequenas e irregularmente construídas, as ruas não tinham pavimento e não eram planas com restos de animais e vegetais em todo o seu comprimento. O esgoto era sempre aberto. As edificações eram construídas de forma confusa e desordenadas, prejudicando, assim, tanto a ventilação quanto a qualidade do ar nestes bairros (ENGELS, 1980). Aparentemente, a dignidade e o respeito não estavam incluídos no salário dos trabalhadores.

A **figura 1** apresenta o crescimento expressivo da população de algumas cidades europeias após a Revolução Industrial. O ímpeto incomum do desenvolvimento tecnológico observado neste período, algo novo para a humanidade em geral, causou profundas mudanças em toda lógica mundial. Assim também, como já considerado, a cidade sofreu modificações em suas funções e foi palco de grandes transformações. Desse modo, é notório na figura ora exposta, que apresenta algumas das principais cidades, o forte impacto que tais mudanças causaram em suas populações.

Londres, por exemplo, no ano de 1700 tinha uma população de aproximadamente 600 mil habitantes, talvez 50 mil habitantes a mais que a capital da França, Paris. No ano de 1750 o número de pessoas nestas duas cidades aumentou de forma linear, sem grandes mudanças. Londres estava perto dos 800 mil e Paris dos 650 mil habitantes. Surpreendentemente, Paris sofreu até mesmo um declive significativo em sua população por volta dos anos 1770 a 1800.

Entretanto, depois de 1800 estas cidades observaram significativas elevações em suas populações. Londres, que durante todo o século predecessor teve um tímido aumento populacional de cerca de 300 mil habitantes, sentiu sua população em apenas cem anos passar

de cerca de 800 mil habitantes para 4 milhões e 700 mil. Paris, que em 1800 detinha cerca de 500 mil habitantes, viu sua população subir para quase 3 milhões de habitantes. As cidades passaram a enquadrar a casa dos milhões de habitantes. Até mesmo Birmingham e Manchester na Inglaterra e Lyon na França, cidades que não tinham tanta influência quanto as grandes capitais, obtiveram elevado aumento de suas populações. Essas são provas manifestas e tangíveis de que a Revolução Industrial elevou às cidades, não apenas as europeias, a um grau de desenvolvimento sem precedentes até então.

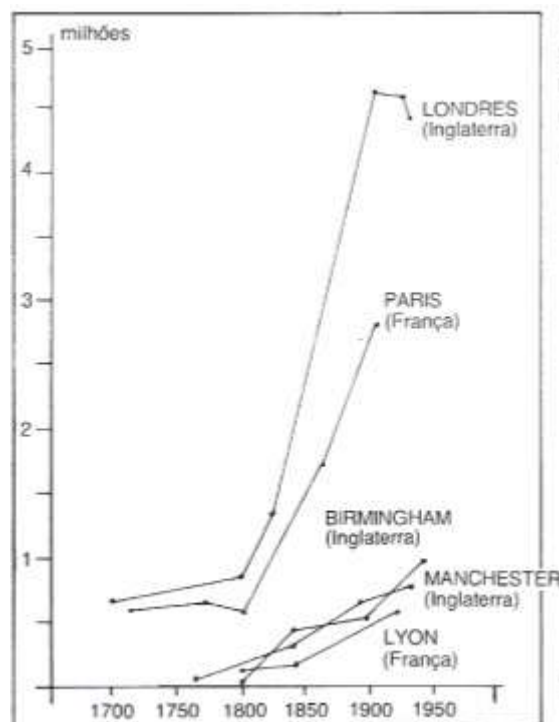


Figura 1: Dinâmica populacional em algumas cidades europeias (1700-1950).
Fonte: Organizada por SPOSITO (2004).

Diferentemente da Europa, a urbanização brasileira ganhou pujança de forma mais retardatária. Pode-se dizer que as primeiras expressões de urbanização no território do Brasil ocorreram em seu período colonial, mais especificamente na região Nordeste graças, como sabemos, ao seu potencial agrícola, com destaque especial ao plantio da cana-de-açúcar. Contudo, nesse período a urbanização ainda não é tão significativa de modo que poucas cidades foram edificadas ao longo da imensa faixa litorânea. O processo de urbanização brasileiro ocorreu de forma gradual com o passar de séculos.

Milton Santos lembra que, como processo, a urbanização brasileira desenvolveu-se a partir do século XVIII e que apenas no século XX ela ganha notoriedade para se alcançar as

atuais características. Observando-se o contexto da população brasileira, que é um dos aspectos avaliados no tocante à urbanização, no período que antecede o século XX nota-se oscilações para mais ou para menos até mesmo nas principais cidades e vilas da época, nunca havendo uma expressiva demonstração de crescimento populacional, nem mesmo nas principais cidades, como mostra o **quadro 1** (SANTOS, 1993). Parte disso é resultado da limitada integração que havia no mercado interno do Brasil. É como o próprio Milton Santos coloca:

“O Brasil foi, durante muitos séculos, um grande arquipélago, formado por subespaços que evoluíam segundo lógicas próprias, ditadas em grande parte por suas relações com o mundo exterior. Havia, sem dúvida, em cada um desses subespaços, polos dinâmicos internos. Estes, porém, tinham entre si escassa relação, não sendo interdependentes” (SANTOS, 1993, p. 26).

	1872	1890	1900	1920	1940
Belém	61.997	50.064	96.560	236.406	164.673
Cuiabá	35.987	17.815	34.393	33.678	----
Manaus	29.334	38.720	50.300	75.701	66.854
Vitória	16.157	16.887	11.850	21.886	42.098
Salvador	129.109	174.412	205.813	283.422	290.443
Florianópolis	25.709	30.687	32.228	41.338	25.014
Teresina	21.692	31.523	45.316	57.500	34.695
João Pessoa	24.714	18.645	28.793	52.990	71.158

Quadro 2: Evolução demográfica de algumas cidades brasileiras (1872–1940).
Fonte: *Adaptada de* SANTOS (1993).

Na segunda metade do século XIX a urbanização brasileira ganhou novos rumos. A grande produção do café na região Sudeste, mais precisamente no Estado de São Paulo, modifica e dinamiza esse cenário. Assim, o Sudeste amplia e melhora largamente sua infraestrutura. Novas estradas de ferro, melhorias nos portos, ampliação e melhoria nos meios de comunicação, entre outros benefícios, dão suporte e organização a essa região para que se torne o polo dinâmico e industrial do país. Após tais eventos, o mercado nacional e não apenas o regional é visto como uma oportunidade de expansão na produtividade e acumulação de capital (MORAES, 2009; SANTOS 1993). Neste sentido, a figura de Getúlio Vargas foi primordial no processo de expansão da urbanização e industrialização.

Observa-se a intensificação do processo de urbanização no Brasil em meados do século XX. Antonio Carlos Robert de Moraes lembra que neste período havia o sentimento de superação, por parte do governo, do rótulo de “subdesenvolvimento” atribuído ao país. Desse

modo, teve-se por escopo dimensionar sua economia. É neste contexto que entra o “Plano de Metas”, estabelecido pelo governo de Juscelino Kubitschek na década de 1950. Tal plano modernizou o ramo industrial, modificando assim a configuração de muitas cidades. Uma das representações concretas postas por Moraes a este período foi a edificação da capital do Brasil no seu interior (MORAES, 2009).

Santos (1993), em sua obra *A Urbanização Brasileira*, expõe várias facetas da evolução populacional dentro dos limites brasileiros. Seus dados, que trazem em sua maioria informações do período abrangente de por volta de 1940 à 1980, ajuda-nos a vislumbrar o exato momento histórico e primordial no tocante ao crescimento demográfico e, por consequência, da evolução urbana do Brasil. Os dados do citado período, englobando desde a modernização do parque industrial e produtivo até os fluxos de migração que, apesar de permanecerem até hoje, foram mais intensos nas décadas de 1960 e 1970, mostram que as regiões do Brasil apresentavam durante aquele período, e mantêm até hoje, diferenciados níveis de urbanização e isso, nitidamente, em virtude dos respectivos quadros dos momentos históricos vigentes. Tal fato está em harmonia com a já citada concepção de Sposito de que a cidade é produto dependente e modificável da condição histórica em vigência. Este período foi determinante para o atual quadro populacional e urbano brasileiros.

2.2 A PAISAGEM URBANA

A partir do século XIX a paisagem vem sendo discutida e nota-se que há tendências históricas ao se definir este conceito. Alguns a definem como um conjunto de fatores naturais e humanos. Já outros falam da paisagem como o relacionamento do homem com o espaço físico. Ainda outros definem paisagem como um sistema ecológico (SUERTEGARAY, 1999). Contudo, Bertrand (2004) entende a paisagem como homogênea e não privilegia os aspectos humanos sobre o natural e vice-versa. Para ele, as características antrópicas e naturais presentes na paisagem formam uma só “entidade” de um mesmo espaço geográfico:

“A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos dispartados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução” (BERTRAND, 2004, p. 141).

Diferentemente, Claval (1999) atribui ao homem a responsabilidade de alterar a paisagem e afirma ainda que distintas sociedades causam diversas alterações sobre a mesma. Relatando o conceito de Claval, Schier declara:

“Não se trata mais da interação do homem com a natureza na paisagem, mas sim de uma forma intelectual na qual diferentes grupos culturais percebem e interpretam a paisagem, construindo os seus marcos e significados nela. Nesta perspectiva, a paisagem é a realização e materialização de ideias dentro de determinados sistemas de significados. Assim, ela é humanizada não apenas pela ação humana, mas igualmente pelo pensar. Cria-se a paisagem como uma representação cultural” (SCHIER, 1999, p. 81).

A transformação da paisagem feita pelo homem é um dos principais fatores de sua formação. Tal transformação, como coloca Sauer (1998), está em um processo constante de desenvolvimento ou dissolução e substituição, assim, o homem atua como sujeito de ação na natureza. Dessa forma, faz-se relevante a colocação de Schier quando afirma:

“O estudo da paisagem exige um enfoque, do qual se pretende fazer uma avaliação definindo o conjunto dos elementos envolvidos, a escala a ser considerada e a temporalidade na paisagem” (SCHIER, 1999, p. 80).

Logo, a análise da paisagem constitui-se parte imprescindível no diagnóstico urbano, pois, na sucessão dos tempos as paisagens urbanas passam a expressar o desenvolvimento social, político e econômico. Além disso, os moldes das paisagens também podem ser determinantes de investimentos de capital e atração de pessoas (HARVEY, 1998).

Uma imagem de uma cidade obtida através, talvez, de uma fotografia ou uma pintura artística é uma das maiores representatividades. Todos os elementos constituintes de uma imagem como tal nos transmitem o sentimento de humanização daquela dada porção terrestre representada, mesmo que esta seja apenas a reprodução instantânea de um espaço que está em dinâmica. Contudo, a paisagem humanizada não apenas serve à representatividade, mas, também, pode narrar a história humana.

Carlos acentua essa premissa:

“A paisagem de hoje guarda momentos diversos do processo da produção espacial, os quais fornecem elementos para uma discussão de sua evolução da produção espacial, e do modo pelo qual foi produzida” (CARLOS, 2009, p. 36).

“O nível da aparência, o que se vê, é o nível do não explicado” (CARLOS, 2009, p. 38). Esta assertiva comprova muito bem o sobredito. As formas da cidade, constituintes da paisagem urbana, exalam processos, pois estes deixam suas marcas nas formas, permitindo que elas sirvam de testemunhas concretas da modificação histórica de toda a representatividade da cidade, ou seja, a paisagem. Ela é o reflexo da sociedade que a produz. Se a observarmos apenas pelo que vemos, desprezando sua natureza dinâmica, isto é, os processos que estão ativos e, também, as marcas dos que já se extinguiram, estaremos desconsiderando a lógica da paisagem, de modo que, qualquer análise empírica sustentada nela será débil neste sentido. A paisagem, portanto, é formada por elementos concretos e abstratos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Guarabira é um município que situa-se na mesorregião do Agreste Paraibano (**figura 2**) e faz parte da microrregião que leva seu nome. Segundo estimativas do IBGE para o ano de 2014, a população deste município está em torno de 57.780 habitantes, fazendo dele o 9º município em população na Paraíba. Deste total, 88,5% reside na zona urbana e 11,5% na zona rural. No que diz respeito à densidade demográfica, Guarabira

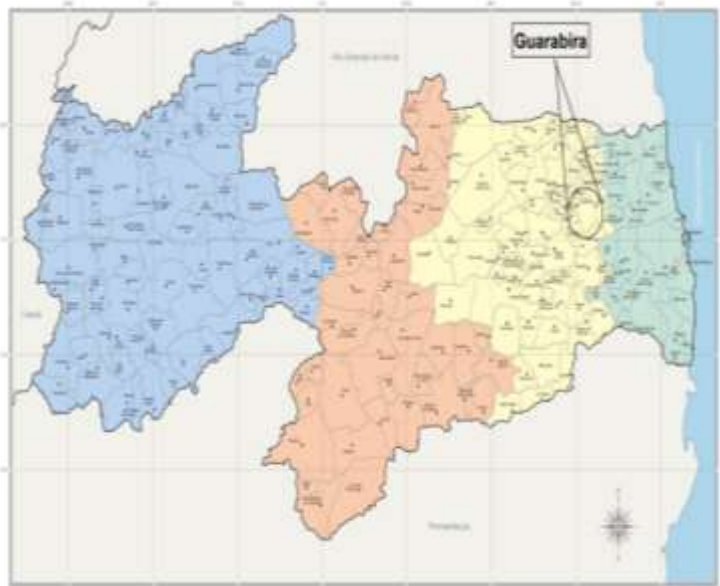


Figura 2: Mesorregiões do Estado da Paraíba.

Fonte: Adaptado de AESA (2015).

é o 5ª colocado no estado apresentando 333,78 hab/km², estando atrás apenas dos principais municípios do litoral e do município de Campina Grande. Tais índices são consideravelmente elevados para os padrões da Paraíba, que tem média total de 64,52 hab/km². Guarabira apresenta ainda 165,74 km² de extensão territorial, sendo o 113º município neste quesito no Estado (IBGE, 2010-b).

Os municípios fronteiriços à Guarabira são ao todo seis: ao norte Pirpirituba e Araçagi; ao sul Mulungu; a leste Araçagi; a oeste Alagoinha, Cuitegi e Pilõezinhos (**figura 3**). Além disso, a cidade, estrategicamente falando, tem uma privilegiada localização do ponto de vista econômico e comercial, pois está a apenas poucos quilômetros de grandes centros urbanos do Nordeste do Brasil. A capital do Estado, João Pessoa, por exemplo, está a apenas 98



Figura 3: Municípios fronteiriços a Guarabira.

Fonte: Adaptado de AESA (2015).

km; Campina Grande a 100 km; a capital do Rio Grande do Norte, Natal, a 145 km; e duas

das maiores cidades de Pernambuco, Recife e Caruaru, estão a 199 km e 230 km de distância, respectivamente. Isso confere à Guarabira um potencial para desenvolvimento que ainda não é explorado eficazmente pelo poder público municipal.

A cidade destaca-se como polo na região que abrange a microrregião do Brejo e a microrregião de Guarabira, sendo importante centro urbano, de tal modo que, apesar de não fazer parte da microrregião do Brejo, é conhecida como Rainha do Brejo. As pessoas das cidades circunvizinhas deslocam-se à Guarabira especialmente para utilizarem os setores de serviços e comércio da cidade (XAVIER, 2014). Podemos compreender melhor tal situação ao compararmos o PIB (Produto Interno Bruto) dos municípios que compõem ambas as microrregiões com o de Guarabira, como mostra a **quadro 2** a seguir.

Município		PIB (em milhões de reais)	Microrregião
1	Guarabira	430,656	Guarabira
2	Alagoa Grande	123,348	Brejo Paraibano
3	Areia	117,123	Brejo Paraibano
4	Alagoa Nova	113,849	Brejo Paraibano
5	Bananeiras	108,213	Brejo Paraibano
6	Araçagi	106,495	Guarabira
7	Belém	83,516	Guarabira
8	Alagoinha	55,240	Guarabira
9	Pirpirituba	45,192	Guarabira
10	Mulungu	41,944	Guarabira
11	Lagoa de Dentro	41,381	Guarabira
12	Serraria	34,481	Brejo Paraibano
13	Pilões	34,066	Brejo Paraibano
14	Caiçara	33,764	Guarabira
15	Borborema	30,827	Brejo Paraibano
16	Cuitegi	29,186	Guarabira
17	Sertãozinho	25,477	Guarabira
18	Pilõezinhos	24,206	Guarabira
19	Matinhas	23,244	Brejo Paraibano
20	Duas Estradas	21,383	Guarabira
21	Logradouro	16,800	Guarabira
22	Serra da Raiz	15,417	Guarabira

Quadro 2: Produto Interno Bruto das cidades das microrregiões paraibanas do Brejo e de Guarabira.

Fonte: IBGE (2010-b).

Ao analisarmos este quadro percebemos a pujança econômica de Guarabira em relação aos municípios circunvizinhos. Dentre os 22 que compõem ambas as microrregiões, o PIB que mais se aproxima a ele é o de Alagoa Grande que, com 123,348 milhões, corresponde

a apenas $\frac{1}{4}$ (um quarto) do PIB de Guarabira. Também, ao somarmos o valor dos quatro municípios que se seguem como maiores PIBs (Alagoa Grande, Areia, Alagoa Nova e Bananeiras) teremos o valor de 462,533 milhões, ou seja, apenas 31,877 milhões a mais que Guarabira, uma quantia “irrisória” se compararmos ao valor total do PIB guarabirense. Ainda outro fato que comprova a importância econômica de Guarabira para esta região é que, ao somarmos o valor do PIB dos 14 últimos municípios do quadro (de Pirpirituba a Serra da Raiz) teremos a quantia de 417,368 milhões, faltando ainda 13,288 milhões para igualar ao valor do PIB do município em questão.

Quando fazemos o comparativo da paisagem urbana de algumas dessas cidades com a de Guarabira podemos constatar a veracidade desses números. A **figura 4** apresenta uma panorâmica da cidade de Guarabira, assim como também na **figura 5**.



Figura 4: Vista panorâmica da cidade de Guarabira.
Fonte: www.skyscraperlife.com (acesso em 20 de março de 2015).

A figura contempla parte da cidade. No centro da imagem observa-se a área comercial e de serviços; no canto inferior está o bairro Novo. Nela identificamos, como marcas urbanas mais destacadas, vários edifícios, um ginásio poliesportivo escolar no canto inferior direito, uma das grandes lojas de móveis da cidade ao centro e duas torres de empresas telefônicas.



Figura 5: Aspecto de um trecho da cidade de Guarabira.
 Fonte: www.skyscraperlife.com (acesso em 20 de março de 2015).

Assim como na figura anterior, esta imagem apresenta fortes marcas urbanas na cidade de Guarabira. No canto inferior está o bairro Novo; no canto direito observamos parte dos bairros do Cordeiro, Bela Vista e Primavera mais a fundo; ao centro da imagem identificamos, mesmo que não estejam perfeitamente visíveis, dois dos grandes empreendimentos da cidade, a maior de suas empresas, a Guaraves e, pouco mais abaixo, o Shopping Cidade Luz. À direita observamos o maior edifício da cidade com 7 andares, que está situado no bairro da Primavera.

Na sequência temos imagens de cidades circunvizinhas à Guarabira. Nelas percebemos a ausência de traços urbanos notados na cidade de Guarabira como, por exemplo, edifícios de grandes empresas e de órgãos públicos. Também, notamos que estas cidades apresentam um menor “porte” urbano, no que diz respeito ao aspecto funcional e à morfologia, ou seja, elas exibem um processo de crescimento bem modesto se confrontado ao de Guarabira. No comparativo destas imagens é notória a superioridade de Guarabira, em termos urbanos, sobre as demais cidades das microrregiões anteriormente citadas.



Figura 6: Cidade de Alagoa Grande.

Fonte: caminhosdofrio.blogspot.com (acesso em 20 de março de 2015).



Figura 7: Cidade de Areia.

Fonte: www.malaguetanoticias.com (acesso em 20 de março de 2015).



Figura 8: Cidade de Bananeiras.

Fonte: www.panoramio.com (acesso em 20 de março de 2015).



Figura 9: Cidade de Pilõesinhos.

Fonte: www.expressopb.com (acesso em 20 de março de 2015).

Guarabira tem hoje várias emissoras de rádio, órgãos governamentais (IBGE, Casa da Cidadania, PROCON, INSS, Correios, Justiça Federal, etc), principais bancos (Santander, Itaú, Bradesco, Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil e Banco do Nordeste do Brasil), Fórum do Tribunal de Justiça, do Tribunal do Trabalho e Tribunal Eleitoral, cartórios, dois terminais rodoviários, várias escolas de ensino infantil, fundamental e médio, além de um campus do IFPB (Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia da Paraíba), um campus da UEPB (Universidade Estadual da Paraíba) e algumas universidades privadas. Há o Hospital Regional, o Pronto Socorro de Fraturas e uma UPA (Unidade de Pronto Atendimento) que atendem às principais ocorrências médicas e de acidentes de Guarabira e dos municípios supracitados. Os batalhões do Corpo de Bombeiros, da Polícia Militar e

Polícia Civil também têm sede em Guarabira. Esses e outros são alguns dos principais serviços que as populações dos municípios próximos a Guarabira encontram na cidade.

Contudo, Guarabira apresenta em seu meio urbano, problemas comuns a praticamente todos os municípios brasileiros. Podemos destacar, inicialmente, questões relacionadas à infraestrutura como, por exemplo, ruas muito estreitas para a circulação simultânea de veículos e pedestres. Muitas delas também são escuras à noite e impróprias para transeuntes em vista de apresentar-se como convite a criminosos. Ainda, o excesso de veículos para pouco espaço nas ruas do Centro de Guarabira, especialmente em dias de feira-livre, é mais uma problemática a se destacar.

Além deste, outro problema urbano que merece destaque quando falamos de Guarabira e que há muito “se arrasta” na cidade, porém, mais recentemente a administração pública está trabalhando para resolvê-lo, é o alagamento do Centro da cidade provocado em dias de chuvas torrenciais, como mostra a **figura 10**. A área comercial da cidade há muito sofre com este problema, pois as águas pluviais acumulam-se ao ponto de entrarem nas



Figura 10: Alagamento do centro comercial de Guarabira – Avenida Dom Pedro II.

Fonte: www.tribunaldenoticia.com (acesso em 24 de março de 2015)

lojas e em outros estabelecimentos comerciais causando transtornos e prejuízos financeiros aos seus proprietários. Ademais, muitos bairros não contam com saneamento básico. Esses são julgados os principais transtornos da cidade e que merecem especial atenção por parte da administração pública.

Apesar de seus problemas urbanos, o município de Guarabira tem um dos maiores IDHs (Índice de Desenvolvimento Humano) do Estado da Paraíba, como apontam dados do PNUD (Programa Nações Unidas para o Desenvolvimento) para o ano de 2010. O IDH do município é 0.673, índice de nível médio. Na figura a seguir podemos observar que o município ocupa o oitavo lugar entre os dez mais elevados IDHs da Paraíba. Convêm salientar que municípios com pouca expressão estadual como Várzea e Santa Luzia se apresentam à frente de Guarabira. Contudo, é considerável que, apesar de ter população e PIB menor que cidades como Souza e Bayeux, Guarabira apresenta, de acordo com os números de seu IDH,

melhores condições de vida que elas. Os números para a educação também são elevados para os padrões estaduais. Notamos que Guarabira tem índice superior a cidades como Cajazeiras, Souza e Bayeux que, pelos seus números, não estão entre os dez maiores IDHs da educação do Estado. E, em questão de renda, Guarabira é o sétimo município na Paraíba.

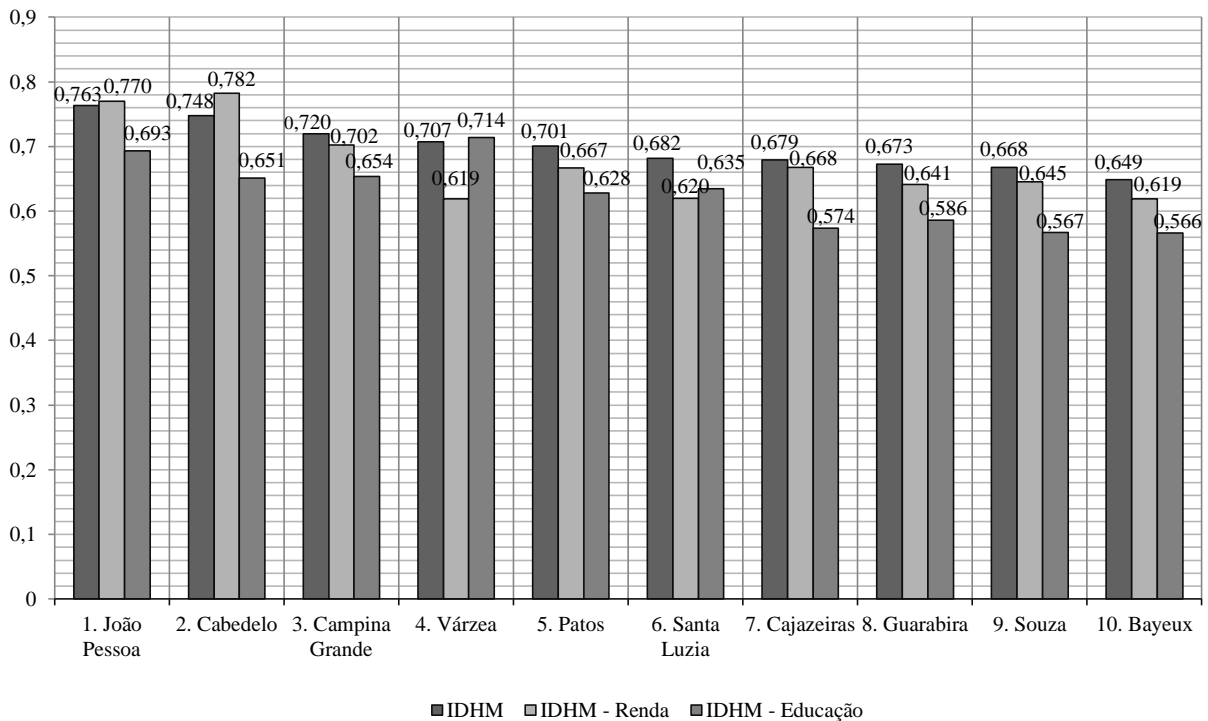


Figura 11: Dez maiores IDHs do Estado da Paraíba.

Fonte: Elaborado a partir de dados do PNUD (2010) e IBGE (2010-a).

No que diz respeito à população, Guarabira nunca apresentou índices de crescimento semelhantes aos grandes centros urbanos do Brasil. No geral, em sua história, o município manifestou tímido desenvolvimento demográfico chegando, em certo período, a ter baixas populacionais, como mostra o **quadro 3**. Ao considerar o quadro a seguir notamos a evolução populacional de Guarabira dentro de um período de 40 anos (desde 1940 até 1980). Percebe-se nele o crescimento da população urbana e diminuição da população rural. Note que nos primeiros 20 anos representados (1940-1960) a população urbana, a bem dizer, triplica enquanto a rural perde metade de seu contingente. Também em 1960 o município passa a apresentar maior número de habitantes na zona urbana, com cerca de 4.062 a mais que na zona rural, número alto para os padrões da época.

População urbana e rural – 1940-1980					
Anos	População urbana		População rural		Total
	Efetivo	Percentual	Efetivo	Percentual	
1940 *	6.184	23,84	19.758	76,16	25.942
1950 *	9.818	30,76	22.100	69,24	31.918
1960 *	16.462	57,92	11.961	42,08	28.423
1970 *	22.459	64,32	12.400	35,68	34.919
1980 *	31.965	75,43	10.414	24,57	42.379
2010 **	48.974	88,49	6.366	11,51	55.340

Quadro 3: População urbana e rural do município de Guarabira (1940-1980).

Fonte: Adaptado de:

* Plano de Desenvolvimento Urbano de Guarabira (ano não especificado na publicação); ** IGBE. Censo Demográfico da Paraíba (2010-a).

A **figura 12** nos possibilita visualizar a evolução da população urbana sobre a população rural do município.

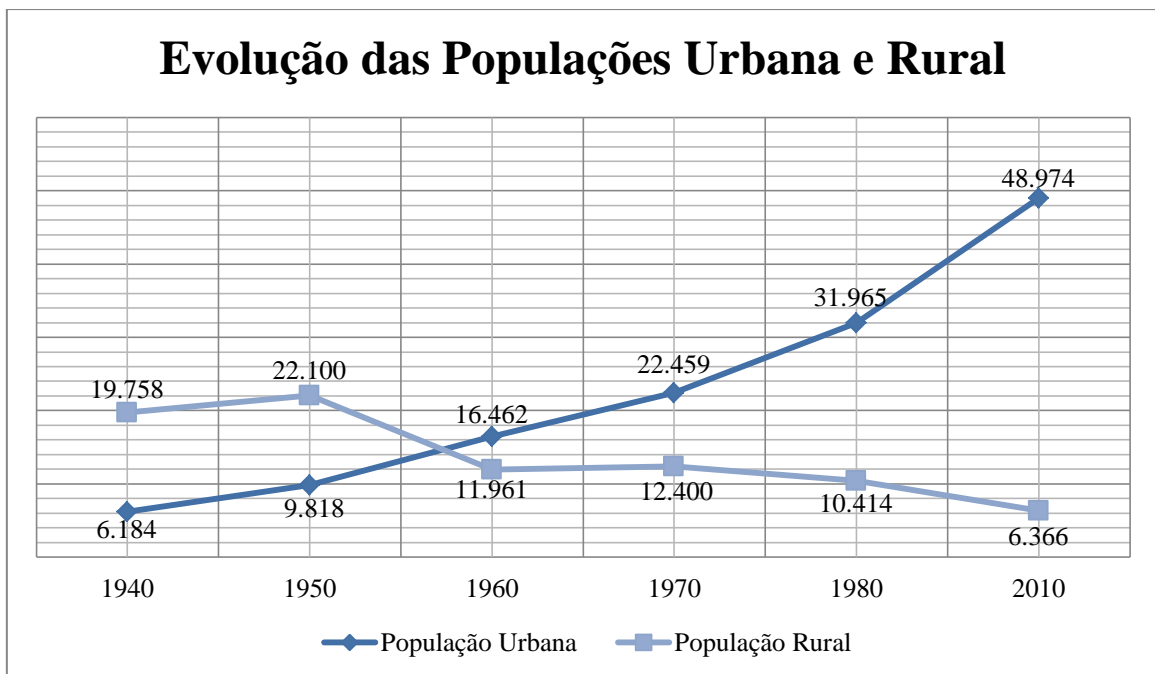


Figura 12: Evolução da população urbana e rural de Guarabira (1940-2010).

Fonte: Adaptado do Plano de Desenvolvimento Urbano de Guarabira (ano não especificado na publicação); IGBE (2010-a).

Se partirmos da premissa de que nacionalmente Guarabira não tem expressão populacional estaremos afirmando corretamente. Todavia, para os padrões dos municípios de seu Estado, Guarabira detém expressiva evolução demográfica e urbana.

3.1 O BAIRRO DA PRIMAVERA

O Primavera é um bairro localizado na porção oeste da cidade. A **figura 14** nos permite identificá-lo em Guarabira. Ele recebe este nome não para destacar alguma peculiaridade ou características suas, segundo o que foi dito pela pessoa responsável por escolher o nome Primavera, a senhora Maria Marques, 91 anos, também conhecida como Maria Cazuzza, sendo Cazuzza o nome de seu falecido marido. De acordo com suas informações, não foi possível precisar a data em que o lugar recebeu esse topônimo; ela sugeriu tal nome à pessoa mais influente da região onde atualmente o bairro se localiza e ele providenciou que uma grande placa com dizeres informando sobre o novo nome fosse posta na entrada principal do bairro, a rua Henrique Pacífico. Este talvez tenha sido o marco do início do bairro Primavera, pois antes de receber tal nome ele era parte do Bela Vista, bairro vizinho e mais antigo, porém, menor que o Primavera atualmente.

Identificamos na representação da **figura 14** os bairros que fazem limite com o Primavera. São eles: ao norte os bairros do Cordeiro e Bela Vista e a leste os bairros João Cassimiro e Centro. O Primavera localiza-se numa região da cidade que apresenta elevado relevo, chegando a 200 m de altitude (**figura 13**). Em média o bairro da Primavera tem mais de 100 m. Seu ponto mais baixo é a rua Henrique Pacífico que tem de 103 m a 105 m de altitude.



Figura 13: Topografia do bairro da Primavera.

Fonte: Adaptado de maps.google.com (acesso em 26 de março de 2015).

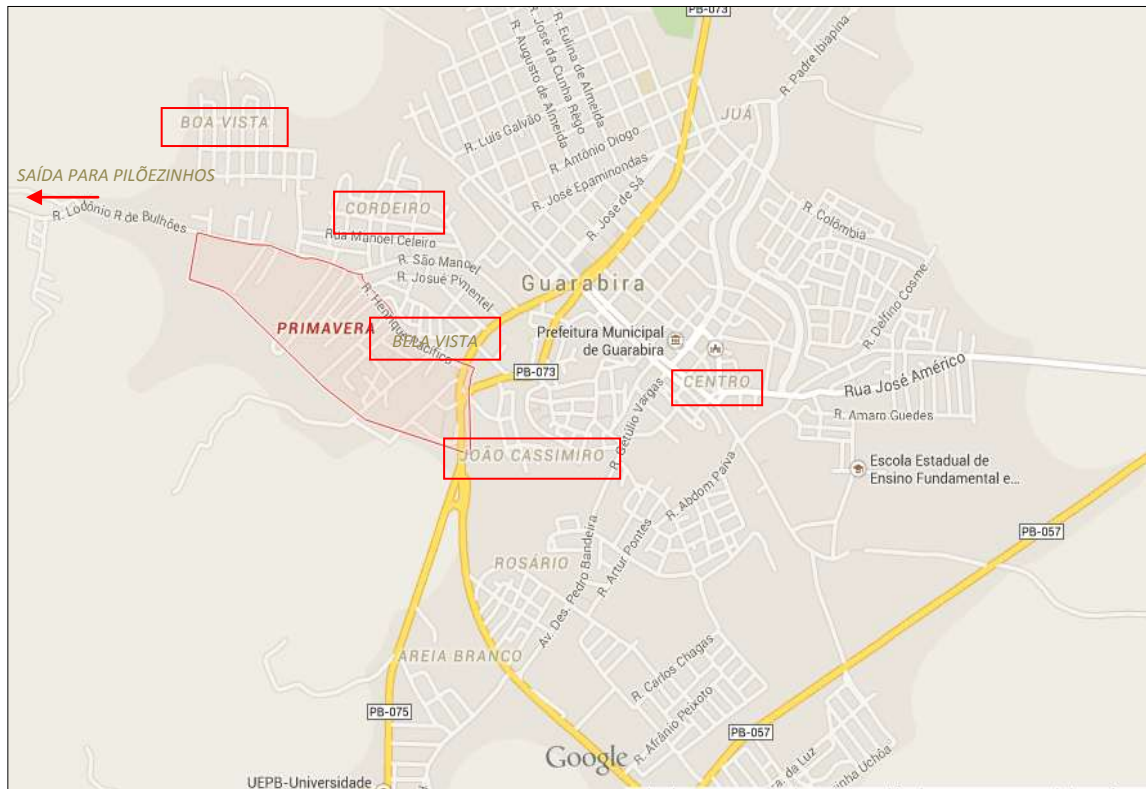


Figura 14: Limites do bairro da Primavera.

Fonte: Adaptado de maps.google.com (acesso em 26 de março de 2015).

O bairro contém duas escolas: a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho ou, como é mais conhecida, Colégio Estadual de Guarabira (CEG). Também há o Centro Educacional Raul de Freitas Mouzinho, este à cabo do poder público municipal que detém em sua grade estudantil apenas o ensino fundamental. Há uma Igreja Católica e, em outra parte do bairro, uma capela que, aparentemente, não está mais em atividade. Além desses, não há outros templos religiosos em suas imediações, apesar de facilmente observarmos nele membros de outras igrejas além da Católica.

Sua população também é servida por um UBS (Unidade Básica de Saúde) que localiza-se nas imediações do ginásio poliesportivo municipal “O Zenobão”, no início da rua Henrique Pacífico. Há, também, a 2ª Companhia de Policiamento de Trânsito da Paraíba (2ª CPTran).

No que diz respeito ao comércio, o Primavera não detém grandes empreendimentos. Nele destacamos pequenos pontos comerciais que atendem algumas necessidades básicas de sua população como, por exemplo, um sacolão de frutas e verduras, dois “mercadinhos”, um sapateiro, uma pequena loja de materiais de construção e dois pontos onde são servidos lanches. Aqui citamos, de fato, quase que todos os pontos comerciais do bairro.

E no que se refere ao crescimento, o bairro atualmente encontra-se em expansão devido ao estabelecimento do loteamento Primavera, situado na saída para a cidade de Pilõezinhos. Apesar de ter sido implantado há pouco tempo, neste loteamento já se vê várias casas construídas e habitadas além de um edifício que também já está ocupado.

Assim como toda a Guarabira, o bairro da Primavera encontra-se em ampliação de seu perímetro. Contudo, em meados do ano de 2013 tal crescimento trouxe adversidades para alguns moradores da rua José Henrique de Bulhões. Na área representada pelas **figuras 15, 16 e 17**, ponto próximo à citada rua, iniciou-se um projeto para construção de loteamentos de casas por uma empresa privada. Note que o lugar escolhido para construção é localizado no meio da serra que é o ponto mais alto do bairro, ou seja, local bastante declivoso. Durante o processo de limpeza e terraplenagem do terreno onde seriam construídas as casas, houve fortes chuvas na cidade e, como a vegetação natural foi retirada e o solo estava um tanto quanto solto por conta da constante movimentação de veículos pesados no local, o terreno cedeu e deslocou-se com as águas da chuva para o interior de casas da rua José Henrique de Bulhões, causando transtornos e prejuízos aos seus moradores como mostra a **figura 18**. Após o acontecido a obra foi suspensa.

No que tange à população dos bairros de Guarabira o Primavera não se destacada como influente ou com numerosa população, como mostra a **figura 19** que apresenta os 10 maiores e mais populosos bairros de Guarabira. Atente ao fato de que o bairro da Primavera é apenas o sétimo em população, apresentando apenas cerca de 1/5 (um quinto) da população do maior bairro, o Nordeste.



Figura 15: Abertura de loteamentos na encosta da serra
Fonte: Aelson Cardoso de Souza, 2014.



Figura 16: Abertura de loteamentos em área de forte declividade.
Fonte: Aelson Cardoso de Souza, 2014.



Figura 17: Encosta da serra com sinais de deslizamento.
 Fonte: Aelson Cardoso de Souza, 2014.



Figura 18: Transtornos causados aos moradores (sedimentos carregados após forte evento chuvoso).
 Fonte: portalmidia.net (acesso em 19 de setembro de 2014)

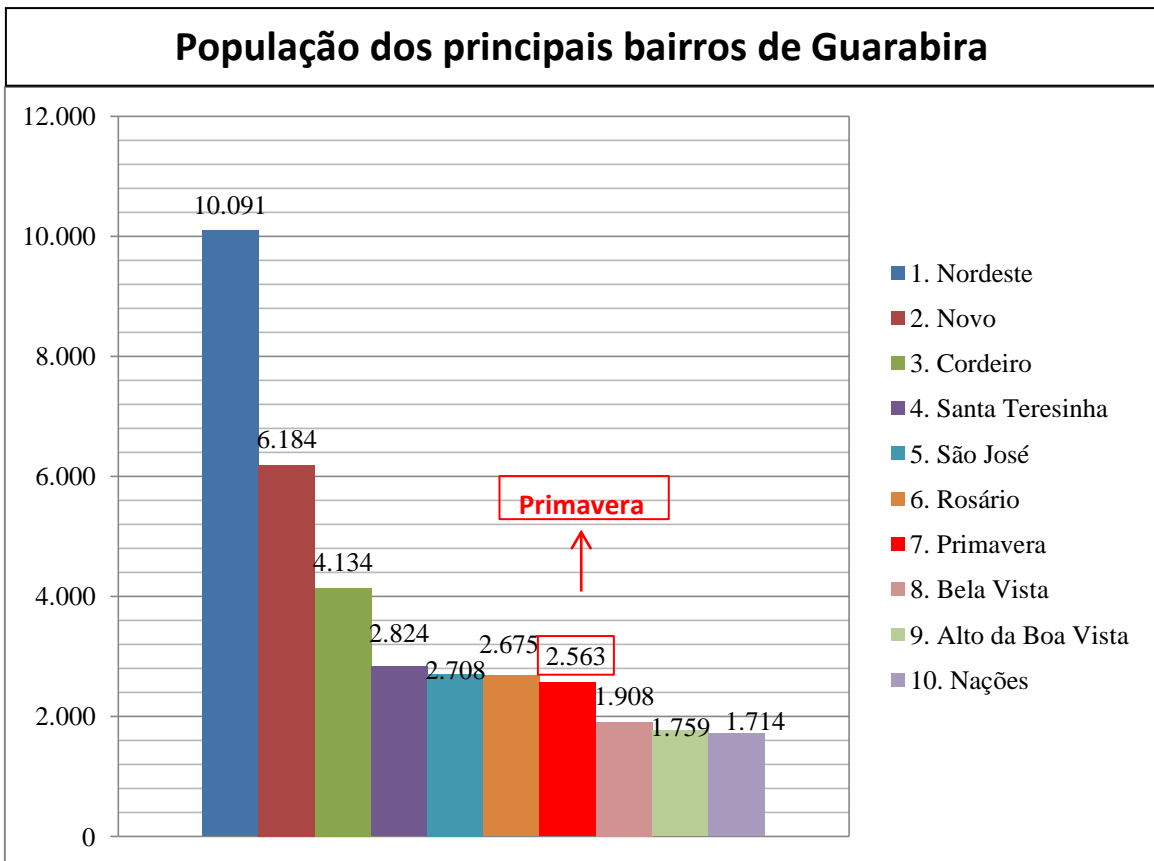


Figura 19: População dos principais bairros de Guarabira.
 Fonte: FUNASA (2007); Adaptado de BEZERRA, 2010.

3.2 RESULTADOS DA PESQUISA REALIZADA NO BAIRRO

No período que abrangeu o mês de novembro de 2014 foi realizado levantamento socioeconômico no referido bairro mediante questionários a fim de se compreender, mesmo que de forma limitada, sua dinâmica espacial. Estavam pautados no questionário temas que envolviam o dia-a-dia dos moradores como saneamento básico, saúde e segurança pública. No decorrer da análise dos dados obtidos foi possível comprovar alguns fatos sobre o bairro, além de conhecê-lo melhor, como que veremos a seguir.

Os questionários supracitados foram aplicados com 20 moradores do bairro, cujas idades variaram entre 15 e 91 anos, sendo 8 pessoas do sexo masculino e 12 do sexo feminino. Desse total, 25% tinham de 15 a 39 anos de idade; 35% tinham de 40 a 69 anos; e 40% tinham 70 anos de idade ou mais. No que tange ao estado civil, 10% dos entrevistados eram separados; 20% deles viúvos; 25% solteiros e 45% casados. Dos viúvos, 75% tinham 70 anos de idade ou mais, ou seja, seus cônjuges foram, possivelmente, vítimas da idade avançada. Dos solteiros, 60% tinham 30 anos de idade ou menos. No caso dos casados, todos tinham mais de 35 anos de idade. A **figura 20** apresenta o perfil de renda familiar do público entrevistado.

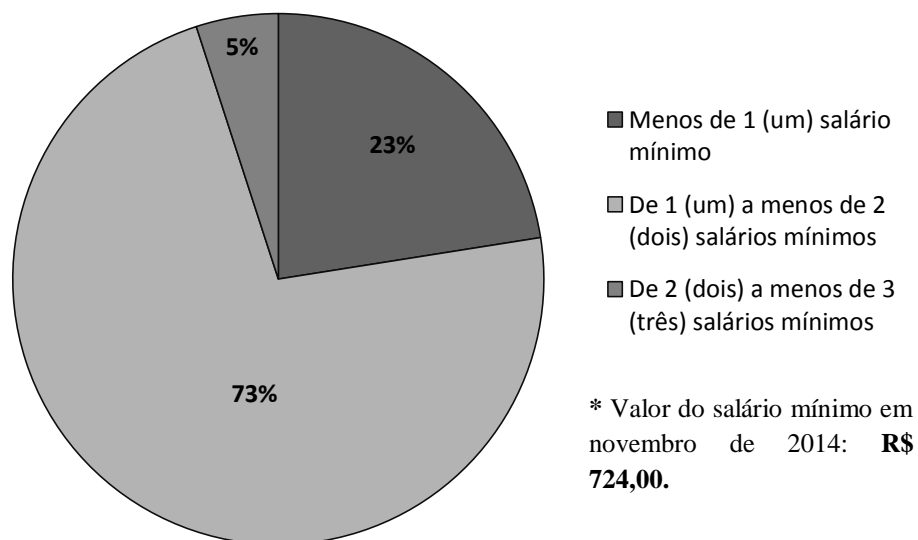


Figura 20: Renda familiar dos moradores do bairro da Primavera.
Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Mediante esta amostra podemos identificar o perfil econômico dos moradores do Primavera. Nota-se que 73% das famílias que o habitam, a grande maioria, vive com uma

receita que vai de um a menos de dois salários mínimos. Também percebemos que uma parcela considerável tem de viver com menos de um salário mínimo. Além disso, apenas 5% recebem de dois a três salários mínimos. Nenhum dos entrevistados afirmou receber três salários mínimos ou mais. Tais valores nos mostram que o bairro não tem elevados níveis de pobreza, inclusive, foi possível verificar que não há em suas imediações populações de baixa renda. A maioria das casas são bem cuidadas; muitas famílias possuem transporte pessoal, quer seja carro ou moto; e quase que todas as ruas do bairro são pavimentadas. Contudo, julgamos que esses salários familiares manifestam precisamente a situação não só das famílias do bairro da Primavera, mas a condição financeira da maioria dos brasileiros, pois apesar de elencarmos entre os países de maiores PIBs do mundo – segundo dados do FMI (Fundo Monetário Internacional) –, de forma geral, poucos brasileiros realmente usufruem efetivamente do potencial econômico do país ao ponto de terem certos confortos advindos de uma condição financeira que podemos colocar como satisfatória.

No que diz respeito ao saneamento básico, identificamos alguns fatos que convocam nossa atenção. Notamos que quase metade das residências do bairro, 40% para ser mais exato, utilizam rede pública de esgoto, sendo que a maioria (60%) ainda faz uso de fossas. Entretanto, este não é o fator chamativo de atenção.

Recentemente, o bairro da Primavera juntamente com o vizinho bairro da Bela Vista passou por obras para canalização da sua rede de esgoto. Durante tais obras foram estabelecidos os dutos necessários para a instalação da rede em ambos os bairros. Porém, até o momento de conclusão deste trabalho ainda não haviam feito as devidas ligações e instalações com as residências, mas, apenas o estabelecimento dos dutos, apesar de funcionários da empresa responsável por esta obra já terem informado a moradores de que em breve seriam feitas as ligações com as residências. Não obstante, alguns moradores relataram que, apesar de ainda não estarem fazendo uso da rede de esgoto recentemente implantada, eles já estão pagando por este serviço, algo que eleva consideravelmente suas faturas de consumo de água, já que a utilização da rede de esgoto corresponde a exatamente 50% da fatura.

Os moradores do bairro também são servidos pela coleta regular de lixo. Tal serviço fica a cargo da prefeitura municipal e de extrema importância para a manutenção da saúde de qualquer população. Atualmente a programação da coleta de resíduos sólidos no bairro da Primavera dispõe de três dias por semana: terça, quinta e sábado. Cem por cento dos entrevistados afirmaram ser beneficiados por este serviço e estarem satisfeitos com ele, pois no geral o veículo que faz a coleta passa em frente à sua casa.

Ainda no que tange ao saneamento básico, há um problema que os próprios moradores classificaram como maior revés urbano do bairro: a falta de água. Não fazemos referência ao advento da atual seca sobre nosso país que, como mostram números recentes, esta realmente tem assolado parte do Brasil. A verdade é que a cidade de Guarabira como um todo ainda não tem sido fortemente afetada por esta seca. A problemática no bairro da Primavera não resume-se à apenas a falta de água. Encontramos uma situação incomum.

O fornecimento de água no bairro é interrompido regularmente, como mostra a **figura 21**. O fator que os moradores apontam como devendo ser de interesse primário para resolução por parte da administração pública é o interrompimento do fornecimento de água. Porém, tal interrompimento não é causado apenas por negligência por parte da empresa responsável pela manutenção e distribuição de água, a CAGEPA (Companhia de Água e Esgoto da Paraíba). O problema está na própria localização do bairro que, como aludido antes, tem elevada topografia, dificultando a sublevação das águas conduzidas pelas tubulações e sua chegada às residências que encontram-se nas partes mais elevadas do bairro.

Na rua Maria São da Conceição há uma bomba que faz com que a água chegue às suas partes mais elevadas. Descobrimos que tanto a instalação quanto a manutenção de tal bomba é empreendida pelos próprios moradores da rua, não pela administração pública. Essa foi uma solução plausível para esses moradores, não obstante, apenas para os que residem nesta rua sendo que nenhuma outra rua do bairro é beneficiada por um equipamento parecido. Esta, contudo, não é uma solução definitiva, pois, quando o equipamento é danificado os próprios moradores têm de consertá-lo ou pagar por seu conserto.

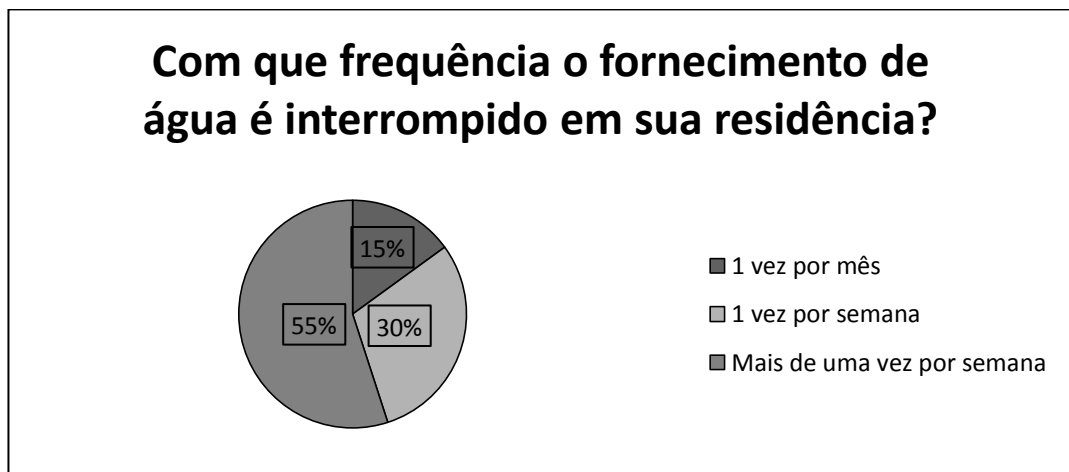


Figura 21: Frequência de interrupção do fornecimento de água no bairro da Primavera.
Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

E com base nos dados da **figura 21** percebemos que o fornecimento de água é interrompido com regularidade semanal em 85% das residências do bairro da Primavera, faltando pelo menos 1 vez a cada semana. A maioria dos moradores (55%) também afirmou que a falta d'água atinge sua residência em mais de uma oportunidade por semana. Diante dessa situação, os moradores procuram meios alternativos para não passar dias sem água. Alguns compensam essa falta por armazenar água em vários tipos de reservatórios como, por exemplo, caixas d'água, tanques, cisternas, baldes e, até de forma inusitada, como relatado por uma moradora, em cerca de 50 garrafas pets de 2 litros. Como o dito popular: “situações extremas requerem medidas extremas”.

Os moradores também foram indagados sobre aspectos que dizem respeito à saúde pública do bairro. A ampla maioria, 85% dos entrevistados, afirmou que sua família é beneficiada pela UBS, cujas instalações são no vizinho bairro da Bela Vista. Nele os moradores de ambos os bairros recebem medicamentos, têm atendimento médico, odontológico, psicológico, entre outros. Encontram nele programas sociais que visam combater pragas para a saúde individual e em família como, por exemplo, um programa de combate ao tabagismo que inclui assistência psicológica e nutricional, onde os fumantes que participam também recebem medicamentos que amenizam a necessidade que o seu corpo têm de saciar-se da viciadora substância que se encontra no cigarro, a nicotina. Questionamos os moradores beneficiados pela UBS sobre a forma e qualidade de atendimento desta repartição pública. A seguir a **figura 22** apresenta seu surpreendente grau de satisfação.

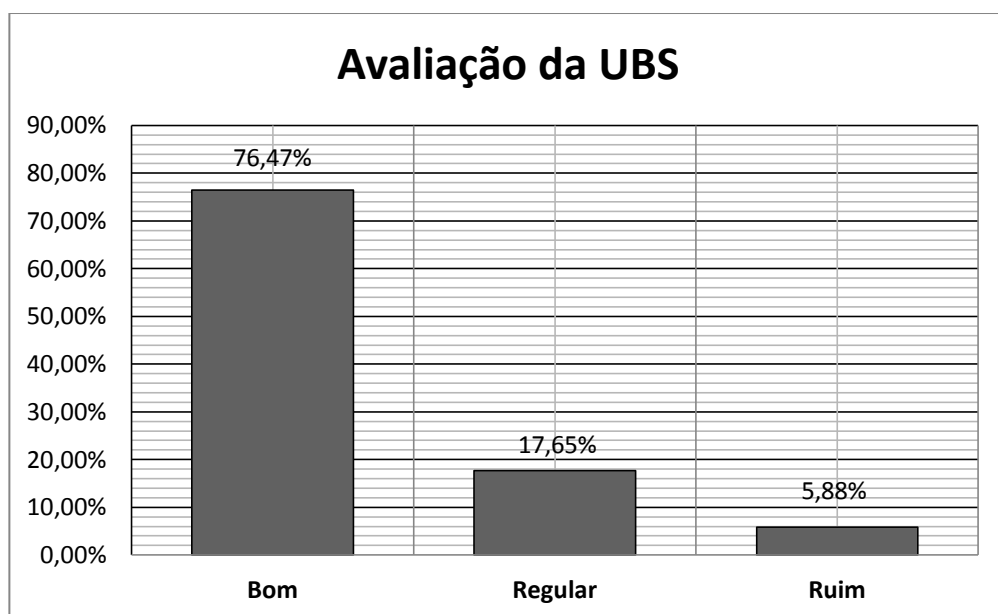


Figura 22: Avaliação dos serviços prestados na UBS.
Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Por último, indagamos os moradores do bairro sobre a segurança pública do Primavera. Historicamente falando, o bairro não detêm reputação de ser inseguro ou violento, diferentemente de outros bairros que, por apenas citar seu nome, a população da cidade os vincula à violência. Entretanto, uma moradora do Primavera afirmou que a rua Padre Geraldo Pinto há alguns anos atrás por ter má iluminação e um “matagal” em suas imediações se tratava de uma via imprópria para transitar em horas mais avançadas à noite. Ela relata que seu filho já foi assaltado nela. Porém, com a chegada do CPTran nas imediações desta rua não houve mais nela nenhum tipo de violência.

Em geral os moradores classificaram o bairro como seguro. Outra moradora citou um ato de violência que aconteceu no bairro e chocou, não apenas seus residentes, mas toda a cidade. Foi um caso que repercutiu por anos em vista de como foi todo o acontecido e da barbaridade que o ator do crime mostrou. Porém, a mesma moradora afirmou que após este ato violento não houveram outros crimes chocantes no bairro e que ela apenas ouviu falar de poucos e pequenos delitos. A mesma tem cerca de 50 anos de idade e sempre morou no bairro, sendo sua mãe uma das primeiras pessoas a habitarem o espaço que hoje é o Primavera. Vale ressaltar que 75% dos entrevistados afirmaram nunca ter presenciado algum tipo de violência no bairro.

A **figura 23** mostra como os moradores classificam o grau de segurança pública do bairro da Primavera.

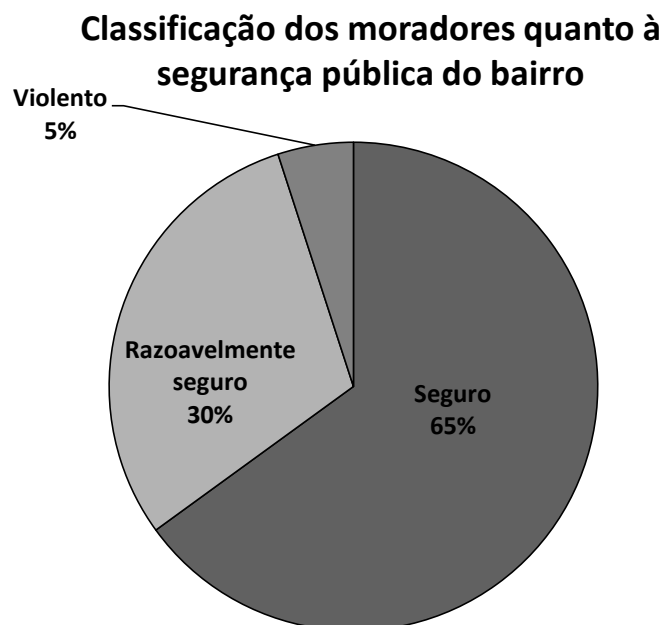


Figura 23: Classificação dos moradores quanto à segurança pública do bairro da Primavera.
Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

A partir de tais dados notamos que os moradores estão satisfeitos quanto à situação da segurança pública do bairro da Primavera. Os baixos níveis de pobreza no bairro talvez sejam um dos fatores contribuintes para essa situação. Ademais, para pessoas que não sentem-se confortáveis com o atual aumento da violência no Brasil (porque não em Guarabira), bairros como o Primavera são ótimas alternativas para fixar morada.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já debatido antes, a cidade como processo necessita de planejamento voltado para o futuro tendo em mente a acumulação de tempos e as possibilidades de realização de vida (CARLOS, 2009). Assim como em toda prática humana, o crescimento e as transformações do meio urbano sem o necessário planejamento não vislumbram boas possibilidades de desenvolvimento e efetivação de realizações. Pelo contrário, programas executados sem antes projetar resultam em frustrações e males. É como diz um antigo provérbio: “Os planos do diligente certamente dão bons resultados, mas todos os precipitados acabarão na pobreza” (ESCRITURAS SAGRADAS, 2015).

Atualmente observamos no Brasil este quadro, onde a população encontra-se insatisfeita com projetos e políticas públicas ineficazes que, na realidade, deveriam ser a solução para a maioria das mazelas da sociedade – não apenas em aspectos sociais, mas também em perspectivas urbanas. Dessa forma, sublinhamos o papel do Estado em repensar e replanejar eficazmente seus ditames e políticas públicas, de modo a contribuir efetivamente para sanar distúrbios urbanos e sociais.

Constatamos que a maioria dos moradores do bairro da Primavera expressa considerável satisfação para com a atual situação do lugar onde residem e realizam sua vida: seu bairro. Contudo, isso parece ser uma exceção com relação entre os demais bairros de Guarabira. O Primavera apesar de ser habitado por uma maioria populacional de famílias que vivem com no máximo dois salários mínimos, ou seja, de classe média baixa, os moradores têm certos confortos e boa vivência. Isso faz-nos atentar ao fato de, para que a população de determinada parcela urbana (país, estado, cidade, bairro, enfim) possa viver dignamente, não necessariamente uma elevada condição financeira será determinante, mas sim um lugar onde pelo menos suas necessidades básicas sejam realmente atendidas e estejam entre as coisas de legítimo interesse para os principais atores do desenvolvimento urbano-social.

REFERÊNCIAS

- BERTRAND, Georges. Paisagem e geografia física global: um esboço metodológico. **Revista o Espaço Geográfico em Análise (RA'E GA)**, n.8. Curitiba: p.141-152, 2004.
- BASTIDE, Roger. **Images du nordeste mystique en noir et blanc**. Paris, Pandora Editions, 1978.
- BÍBLIA. Português. **Tradução do novo mundo da Bíblia Sagrada**. New York: Watchtower Bible And Tract Society Of New York, Inc, Brooklyn, 2015.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 8 ed. 2º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.
- CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 1999.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 7ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998. Parte II, p. 115-184.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico do Brasil, 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010-a. Disponível em: <www.ibge.gov.br> Acesso em: 05/02/2014.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico da Paraíba, 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010-b. Disponível em: <www.ibge.gov.br> Acesso em: 05/02/2014.
- LEFEBVRE, Henri. **The production of space**. Trad. D. Nicholson-Smith Oxford: Basil Blackwell, 1991.
- MENDONÇA, Francisco. **Geografia física: ciência humana?** São Paulo: Contexto, 1998.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia histórica do Brasil: cinco ensaios, uma proposta e uma crítica**. São Paulo: Annablume, 2009.
- PARAÍBA. Governo do Estado. Lei Complementar nº 101 de 12 de julho de 2011. Diário Oficial do Estado, nº 14689, João Pessoa 13 de julho de 2011, p. 01.
- SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- _____. **Metamorfose do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: HUCITEC, 1988.
- SAUER, Carl O. A morfologia da paisagem. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.) **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- SCHIER, Raul Alfredo. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. **Revista o Espaço Geográfico em Análise (RA'E GA)**, n.7. Curitiba: p.79-85, 2003.
- SOUZA, Marcelo Lopez de. RODRIGUES, Glauco Bruce. **Planejamento urbano e ativismos sociais**. São Paulo: UNESP, 2004.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltão. **Capitalismo e urbanização**. 14 ed. São Paulo:

Contexto, 2004.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Espaço geográfico uno e múltiplo**. Revista Geocrítica. Madrid: 1999.

BEZERRA, Mônica Alves. **As ocupações desordenadas e a transformação territorial no bairro do Nordeste I – Guarabira/PB**. Guarabira: UEPB, 2010.

XAVIER, Webson dos Santos. **A cidade e a produção do espaço: um estudo de caso na cidade de Guarabira/PB**. Guarabira: UEPB, 2014.

AESA. Agência Executiva de Gestão de Águas do Estado da Paraíba. **Mesorregiões do Estado da Paraíba**. AESA, ano não disponível. Disponível em: <<http://www.aesa.pb.gov.br/geoprocessamento/geoportal/index.php>> Acesso em 20/03/2015.

PNUD. Programa Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Atlas do desenvolvimento humano no Brasil**. Brasília: PNUD, 2010. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/ranking>> Acesso em 01/04/2015.

FMI. Fundo Monetário Internacional. **Panorama econômico mundial**. Em inglês. Whashington, 2014. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/>> Acesso em 03/04/2015.

Sites consultados:

Google Maps - <https://maps.google.com/> > acesso em 26 de março de 2015.

Tribunal de Notícia – www.tribunaldenoticia.com > acesso em 24 de março de 2015.

Caminhos do Frio – caminhos dofrio.blogspot.com > acesso em 20 de março de 2015.

Malagueta Notícias – www.malaguetanoticias.com > acesso em 20 de março de 2015.

Panorâmio – www.panoramio.com > acesso em 20 de março de 2015.

Expresso PB – www.expressopb.com > acesso em 20 de março de 2015.

Sky Scraper Life – www.skyscraperlife.com > acesso em 20 de março de 2015.

ANEXO



**CENTRO DE HUMANIDADES/CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

QUESTINÁRIO SOCIOECONÔMICO DO BAIRRO DA PRIMAVERA

Data: ____/____/____

1) Informações pessoais:

Nome: _____

Idade: _____

Estado civil: _____

Qual sua renda familiar?

- a) () Menos de um salário mínimo
- b) () De um a menos de dois salários mínimos
- c) () De dois a menos de três salários mínimos
- d) () Mais de três salários mínimos

OBS: valor do salário mínimo em novembro de 2014: R\$ 724,00.

2) Saneamento básico, saúde e segurança pública:

Em sua residência há:

- a) () Fossa
- b) () Rede de esgoto

Com que frequência o fornecimento de água é interrompido (falta de água)?

- a) () Raramente
- b) () 1 vez por mês
- c) () 1 vez por semana
- d) () Mais de 1 vez por semana

Sua rua dispõe da coleta de lixo?

- a) () Sim
- b) () Não

Sua família é beneficiada pelo PSF (Programa de Saúde da Família) do seu bairro?

- a) () Sim
- b) () Não

Se sim, como classificaria a forma de atendimento neste órgão público?

- a) () Bom

- b) () Regular
- c) () Ruim

Quanto à segurança pública, você diria que seu bairro é . . .

- a) () Seguro
- b) () Razoavelmente seguro
- c) () Violento

Você já presenciou algum tipo de violência em seu bairro?

- a) () Sim
- b) () Não

Quais os principais transtornos públicos observados no bairro e quais suas principais reivindicações ao poder público?
